

GESTÃO DO PEDAGÓGICO: DE QUAL PEDAGÓGICO SE FALA?

Liliana Soares Ferreira

Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Resumo

O artigo objetiva deslindar o que é pedagógico, partindo de três supostos: a imprecisão do termo e sua relação com Pedagogia; a dimensão social do pedagógico; a gestão do pedagógico como uma compreensão mais ampliada do pedagógico e expressa com o trabalho dos professores. Expressa assim um estudo, subsidiado com pesquisa bibliográfica, que tem a preocupação com o uso indiscriminado da palavra pedagógico e continuará como possibilidade de descrever tantos e diversos aspectos da produção do conhecimento, muitas vezes não esclarecedores sobre os sentidos utilizados, o que gera a impressão que tudo pode ser pedagógico.

Palavras-Chave: pedagógico, professores, aula, conhecimento, escola

Abstract

This article aims at defining what is pedagogical, starting from three presumptions: the lack of clearness about this concept and its relation with Pedagogy; the social dimension of the pedagogical; the management of the pedagogical as a pedagogical extended understanding related with teachers' work. This is a result of a bibliographical research that will continue worried about the indiscriminate use of the word pedagogical, and as a possibility to describe how diverse the production of knowledge is, and, many times, not being clear enough in the ways it is used, generating the impression that everything can be pedagogical.

Keywords: pedagogical, professors, lesson, knowledge, school

Introdução

Parece, muitas vezes, haver a crença generalizada de que as soluções para os problemas educacionais estão tão-somente no âmbito das questões técnico-burocráticas ou da infra-estrutura, tidas como elementos separados. Diferenciadamente, entendo-as como interdependentes do que é centralidade em educação: os movimentos, os poderes, as crenças, as práticas de linguagem, as subjetividades, os artefatos e as rotinas. Todos estes aspectos estão implicados na produção da aula e na produção do conhecimento, compondo um conjunto de elementos intercomplementares, ao qual denomino pedagógico.

Em conformidade com esta percepção, do mesmo modo, no cotidiano escolar, ouço discursos que dividem a gestão escolar em diferentes níveis: gestão de pessoas, gestão do pedagógico, gestão financeira. Dessa divisão decorrem abismos a contribuir para a fragmentação também do trabalho em educação. Tal fragmentação contribui tão-somente para a colonização do pedagógico, tornando-o mecanizado, centrado em alguns sujeitos e fruto de algumas decisões. A gestão constitui-se em soma de processos, e, se sabe, no cotidiano, esses processos são conectados e têm nos sujeitos os protagonistas dos rumos da escola. Vale dizer, o pedagógico é a dinâmica da escola, da educação, por isso mesmo, é resultante da colaboração de todos, nos diversos espaços e tempos do ambiente e da convivência escolar.

Intrigada com tantos e imprecisos usos de pedagógico que encontro no cotidiano, iniciei intensa pesquisa bibliográfica. Inicialmente, selecionei autores, independentemente de atrelamento a estas ou àquelas crenças teóricas: desde os gregos antigos até os contemporâneos. Fui elaborando uma cronologia da evolução do termo. Após, centrei-me nos autores atuais, selecionando os trechos específicos sobre o tema, elaborando-os sob a forma de tabelas e comparando-os entre si. Paralelamente, iniciei levantamento do uso do termo pedagógico em eventos da área de educação, analisando os sentidos atribuídos. A partir deste trabalho, iniciei sistematizações, ora em processo. Estou registrando as sistematizações em artigos, partindo do pressuposto que, escrevendo, estou organizando, relendo e repensando os estudos realizados, além de estar submetendo meu pensamento a novas e intrigantes questões. Este artigo é uma das sistematizações realizadas, enquanto continuo o trabalho de pesquisa. Com base nele, ainda que provisória e temporalmente, estou estabelecendo as primeiras considerações sobre o que entendo por pedagógico e, a partir daí, o que significa falar em gestão do pedagógico, tema das pesquisas que estou coordenando, atualmente, em um grupo interinstitucional, agregando universidades do Rio Grande do Sul e Sergipe.

Na reflexão sobre o tema, é importante destacar quais fatores podem ser auxiliares na compreensão desta abordagem do pedagógico que ora proponho. Neste artigo, estou considerando três fatores, abordados na continuidade do texto.

O que é e o que não é pedagógico?

O primeiro fator diz respeito à *imprecisão da categoria pedagógico*, aspecto sobre o qual já me referi. O que é pedagógico e o que não é? Quando se fala em pedagógico pode-se, paradoxalmente, falar de tudo e de quase nada. Pedagógico é todo o pensar-agir da escola com o intuito de produzir conhecimento. Porém, não é pedagógico o pensar-agir, embora muito bem organizado, incoerente com a expectativa de produção do conhecimento dos sujeitos da aula. Percebe-se, então, não haver como dissociar uma concepção de pedagógico do espaço, do tempo e do trabalho realizado pela escola. Pedagógico é a articulação desses fatores, objetivando a produção do conhecimento. Afinal, se os sujeitos-estudantes ingressam na escola é porque intencionam aprender. E aprender é um complexo movimento de linguagens em interlocução, subjetividades em interação e historicidades que se entrelaçam, no intuito de ampliar as compreensões de mundo, inserirem-se, cada vez mais, na cultura e “genteificar-se”¹ ainda mais.

Com isto, estou propondo uma maior clareza quanto aos componentes políticos, éticos e do trabalho em educação, implicados na concepção de pedagógico, para que, deste modo, se possa entender melhor como se pode ter um projeto pedagógico, uma avaliação pedagógica, uma aula pedagogicamente organizada. Estas expressões e tantas outras que povoam o cotidiano escolar, se melhor explicitadas, melhor contribuem para orientar o trabalho da escola.

A mesma imprecisão se observa quando se quer explicar o pedagógico como relacionado à Pedagogia. Acontece que a Pedagogia, há muito, vem sendo questionada também: é uma ciência? Qual sua especificidade? Qual seu objeto de estudo? Desse modo, tal associação, enquanto argumento, acaba por esgotar-se na circularidade. Penso que a Pedagogia é a ciência da educação. Seu objeto de estudo, ou deveria dizer objetos de estudos, relaciona-se ao fenômeno educativo. Nesse sentido, concordo com Marques, quando afirma que a Pedagogia é a ciência da educação (1996, p. 59). Quanto a esta concepção, Pimenta alerta: “Diferentemente das demais ciências da educação, a pedagogia é ciência da prática” (1997, p. 47). Argumenta a autora ser a Pedagogia uma construção resultante da prática dos professores, no confronto com os saberes teóricos. Marques (1996), por sua vez, discorda e argumenta ser necessário reconstituir o campo teórico da educação, transformado em colcha de retalhos oriundos de perspectivas sociologistas, psicologistas ou até de entendimentos mal-sucedidos de aspectos filosóficos. Por isto, este autor propõe três dimensões constitutivas da unidade da educação:

- a) o plano da racionalidade cognitivo-instrumental que permite uma intervenção praxeológica nos fenômenos da educação; b) o plano hermenêutico da interpretação dos sentidos de um determinado contexto sociocultural; c) o plano crítico do sentido radical da emancipação humana, como horizonte de possibilidades abertas à transcendência exigida pela historicidade da liberdade. (MARQUES, 1996, p. 57)

Assim, Marques amplia a concepção de Pedagogia, como ciência da educação, concebendo-a:

[...] não apenas no aspecto epistêmico de um sujeito que projeta seu mundo para realizá-lo. Trata-se, muito mais, de perceber o processo da educação hermeneuticamente presentificado no contexto sociocultural específico de sua atuação concreta e relançado para a superação de si mesmo no sentido radical da emancipação humana. Subjaz a tudo isso o tratamento pedagógico dos desafios da educação na dimensão da interlocução dos saberes. (1996, p. 59)

Em texto anterior, este autor já apresentava suas crenças em relação à Pedagogia:

A Pedagogia não pode se limitar ao entendimento de como se dão as relações educativas de fato e ao estabelecimento de diretrizes gerais para a educação nos horizontes ampliados da emancipação humana e da maioria dos sujeitos. A ela incumbe, em consequência de sua função hermenêutica e crítico-reflexiva, presidir a organização e condução da instituição educativa, no sentido de como se vão dar as relações internas de poder, mediadas pela infra-estrutura de recursos e controles, e de como se vão relacionar a gestão institucional, a dinâmica das relações interpessoais e a produção/circulação dos conhecimentos. (MARQUES, 1990, p. 24)

Considero ser esta uma interessante contribuição para pensar a Pedagogia como ciência. Uma ciência que pode organizar os pedagogos com vistas não somente à produção da aula, mas possibilitar-lhes os subsídios necessários a esta produção.

Uma outra reflexão interessante sobre o termo Pedagogia é apresentada por Ghiraldelli (1996). Pedagogia é, segundo o autor (1996, p. 11), um termo utilizado, como utopia educacional (com base em Durkheim, para o qual a pedagogia é uma teoria da educação, elaborada com base no pensamento utópico), como ciência da educação (com base em Herbart, para o qual a pedagogia é ciência), filosofia da educação com base em Dewey (relativa ao pragmatismo, a Pedagogia é intimamente relacionada à filosofia; as razões filosóficas poderiam explicar o que acontece nas práticas educativas e estas servem como evidências daquelas).

Libâneo, que, por muito tempo, vem se dedicando a compreender o lugar social da Pedagogia, assim sintetiza uma concepção de Pedagogia: “Para se compreender com mais profundidade o que é a pedagogia, é preciso explicitar seu objeto de estudo, a educação ou prática educativa” (LIBÂNEO, 2002, p. 64). Segundo o autor, a educação é a soma de processos, “influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado

contexto de relações entre grupos e classes sociais” (LIBÂNEO, 2002, p. 64). Tais fatores convergem, juntos, para os processos de desenvolvimento humano, pois a educação é “uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal”. (LIBÂNEO, 2002, p. 64)

No mesmo texto, o autor destaca:

Trata-se, pois, de entender a pedagogia como prática cultural, forma de trabalho cultural, que envolve uma prática intencional de produção e internalização de significados. É esse caráter de mediação cultural que explica as várias educações, suas modalidades e instituições, entre elas a educação escolar. (LIBÂNEO, 2002, p. 65)

E acrescenta ser necessário considerar um elemento fundamental do conceito de educação: “A educação é uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena. Todavia, toda educação se dá em meio a relações sociais”. (LIBÂNEO, 2002, p. 64) E o autor sugere a necessidade de que a pedagogia seja eminentemente crítica, porque lida com a educação, um fenômeno que é revelador dos interesses sociais em conflito em meio aos grupos sociais com os quais convivemos: “É por isso que a pedagogia expressa finalidades sociopolíticas, ou seja, uma direção explícita da ação educativa relacionada com um projeto de gestão social e política da sociedade” (LIBÂNEO, 2002, p. 66).

Pedagógico, nesse âmbito, é o caráter da prática educativa, pois, a Pedagogia

[...] a par de sua característica de cuidar dos objetivos e formas metodológicas e organizativas de transmissão de saberes e modos de ação em função da construção humana, refere-se, explicitamente, a objetivos éticos e a projetos políticos de gestão social. (LIBÂNEO, 2002, p. 66)

Tal afirmação pode gerar a impressão que a única ciência que tem com objeto de estudo central a educação é a Pedagogia. Libâneo alerta:

A Pedagogia não é, certamente, a única área científica que tem a educação como objeto de estudo. Também a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística ocupam-se de problemas educativos, para além de seus próprios objetos de investigação, e, nessa medida, os resultados de seus estudos são imprescindíveis para a compreensão do educativo. Entretanto, cada uma dessas ciências aborda o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação. É a pedagogia que pode requerer para si a investigação do campo educativo propriamente dito, como também de seus desdobramentos práticos, e com isso constituir-se em conhecimento integrador dos aportes das demais áreas. (LIBÂNEO, 2002, p. 67)

Assim, concordando com Pimenta (1988, 1996), Libâneo reitera que a pedagogia

[...] é a teoria e a prática da educação. Mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional sempre em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão-assimilação de saberes e modos de ação. (LIBÂNEO, 2002, p. 68)

É nesse sentido que a Pedagogia trata amplamente da educação como fenômeno, tendo interface com as demais ciências da educação. E o pedagogo, profissional que atua, direta ou indiretamente, na prática educativa, sendo a docência apenas uma de suas funções, pois “a docência subordina-se à pedagogia, uma vez que o ensino é um tipo de prática educativa, vale dizer, uma modalidade do trabalho pedagógico” (LIBÂNEO, 2002, p. 67). Do mesmo modo, o trabalho dos professores é “trabalho pedagógico porque é uma atividade intencional, implicando uma direção, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente” (LIBÂNEO, 2002, p. 69).

Outros autores vêm se dedicando a estudar a pedagogia como ciência. Embora já em 1966 Mattos afirmasse que a Pedagogia tinha “por objetivo específico o estudo do fenômeno educativo; este é por ela investigado em suas múltiplas facetas e dimensões, em suas manifestações no tempo e no espaço e em suas complexas relações de causa e efeitos com os demais fenômenos que integram a vida humana em sociedade, dentro do seu cotidiano cultural imediato.” (p.42), por sua vez, Franco (2002, p. 114) alerta que há uma “descaracterização” da Pedagogia enquanto campo científico e tal fato contribui para mantê-la como legitimadora de práticas sociais conservadoras, descontextualizadas, porque

O não-diálogo científico entre teorias e práticas reifica, congela o fazer educacional (que se perpetua como saber educacional e não como saber fazer), e isto ocorre quer pela falta de diálogo construtivo entre sujeito e objeto da ação, quer pela não-fermentação da dialética na construção da realidade educativa. (FRANCO, 2002, p. 114)

É a Pedagogia fundamental na caracterização do trabalho dos professores, que é a prática pedagógica. E a prática pedagógica é diferente da práxis educativa, é uma ação científica sobre a práxis educativa, pois objetiva compreender melhor esta prática de educação, explicitando-a para os sujeitos, transformando-a e dando-lhe suporte teórico; teorizar, desvelando os sentidos não evidentes (FRANCO, 2002, p. 116). Devido a sua abrangência, o fazer pedagógico “é inevitavelmente um fazer investigativo. Quando superamos a concepção de prática como tecnologia da prática e adentramos na dialética da práxis, não há outro caminho”. (FRANCO, 2002, p. 123)

O pedagógico é social e socializante

O segundo fator, relacionado ao anterior, à imprecisão da concepção de pedagógico, é a sua *existência sempre na relação entre sujeitos*, cuja posição social na escola, é vista, tradicionalmente, como antagonista: os professores e os estudantes.

Os professores são os profissionais da educação e têm no pedagógico a centralidade de seu trabalho. Os estudantes, independente do nível de ensino em que estejam, são sujeitos, dotados de historicidade e subjetividade (o que os diferencia entre si), caracterizados por vontades, capazes de utilizar a linguagem para expressar-se e interagir, e ocupam o lugar de quem deseja aprender algo, com diferenças no que desejam e como o desejam aprender. Quanto a este aspecto especificamente, penso que os professores também deviam se dar o lugar de quem deseja aprender, inclusive e principalmente durante a aula, o espaço-tempo de seu trabalho. A condição de quem deseja aprender é, na verdade, no meu entender, o elo que supera o antagonismo entre professores e estudantes. Entretanto, aprender é também desejo e sobre este, há uma força individual de responsabilidade de cada sujeito. Nas palavras de Masschelein, que se baseia em Rancière: “(...) a relação pedagógica não pode ser vista, nem como relação hierárquica (como a relação entre sábios e não sábios), nem como uma relação simétrica (relação entre sujeitos, principalmente idênticos a si mesmos e entre si), mas como relação de diálogo entre seres de palavra” (2003, p. 287). Em suma, se é verdade que os sujeitos da aula: professores e estudantes, com suas historicidades e subjetividades, imersos na sociedade capitalista, aprendem mediante uma falta, o que gera o desejo de aprender, aprendendo se tornam cada vez mais imersos no social, no cultural, afinal,

O sujeito se constrói pela apropriação de um patrimônio humano, pela mediação do outro, e a história do sujeito é também a das formas de atividade e de tipos de objetos suscetíveis de satisfazerem o desejo, de produzirem prazer, de fazerem sentido. (CHARLOT, 2005, p. 38)

O pedagógico é, neste sentido, um elemento relacional entre os sujeitos, não existe *a priori*, nem tampouco existe senão na ação-linguagem dos sujeitos da educação. Acontece em ambientes de linguagem (GADAMER, 1988), entre seres de palavras e, concordo com Masschelein: “(...) um ser de palavra está exposto aos outros e às palavras dos outros, já que falar é sempre falar (expressar-se) com as palavras de outrem” (2003, p. 284). É, ainda, uma relação com os saberes, bases do conhecer subsidiadoras da produção do conhecimento. Produção do conhecimento apresentada aqui como a socialização dos saberes, em processos interativos e em ambientes de linguagem. Charlot expressa concepções semelhantes, porém utilizando o vocábulo “saber” como sinônimo de aprender, ou seja, conhecer. Segundo Charlot:

Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o

saber. Essa relação com o mundo é também relação consigo mesmo e relação com os outros. Implica uma forma de atividade e, acrescentarei, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo” . (1997, p.63)

A gestão do pedagógico: o trabalho dos professores

O terceiro fator que, a meu ver, é importante ser pauta de reflexão, é o que tenho chamado de *gestão do pedagógico*, sob a perspectiva dos professores, estes sujeitos e trabalhadores da educação. Entendo que o trabalho dos professores é a produção da aula e, nesta, a produção do conhecimento. Portanto, não há compreensão do trabalho dos professores senão entendido como pedagógico.

Com isto, desde já, quero evitar compreensões errôneas que possam atrelar o pedagógico somente à ação dos professores. Contrariamente, ratifico que o pedagógico perpassa toda a dinâmica da educação, porém, estou defendendo a inversão da análise que se faz do pedagógico, passando a vê-lo como a centralidade do trabalho dos professores e que são estes sujeitos, em primeira instância, os gestores do pedagógico na escola. Tal centralidade, tendo os professores como sujeitos da gestão do pedagógico, significa adentrar cada vez mais no arcabouço epistemológico que fundamenta a práxis pedagógica, ou seja, entender e dar novos sentidos a um cotidiano, sem atrelamento excessivo à prática, em detrimento de um contínuo estudo, um revisitar os teóricos da educação como fontes para comparar a proposta de aula, redimensioná-la, e, até mesmo, entendê-la. Significa, finalmente, revelar aos próprios professores as bases de suas decisões de ação, pondo em evidência dimensões relacionadas à sua formação para o magistério.

O pedagógico é da ordem do instituído e do instituinte (CASTORIADIS, 1988). Por isto, está relacionado ao modo como o grupo que compõe a escola se organiza regularmente, a como entende e produz a educação. Transita entre o individual e o coletivo, de modo dialético, elaborando-se e acontecendo cotidianamente na escola.

Por esses motivos, tenho defendido que a gestão do pedagógico, contrariando a tradição, deva acontecer a partir dos professores, sendo eles um dos sujeitos da prática pedagógica, ao lado dos estudantes e dos demais sujeitos da dinâmica escolar. Acredito que esta alternativa seria uma efetiva mudança no modo como têm sido organizadas as dinâmicas do aprender na escola. Em vez de, primeiramente, organizar-se o projeto pedagógico institucional, por que não propor o planejamento do projeto pedagógico individual e aquele ser elaborado com base no coletivo destes? Por que não resgatar a dimensão de sujeito do pedagógico nos professores, alimentando seus projetos, suas intencionalidades, propondo a discussão e a socialização de suas intencionalidades, para, então, paulatinamente, ir promovendo o encontro de intencionalidades que passam a, em colaboração, constituírem-se projetos conjuntos? Gestão do pedagógico é, em essência, o trabalho, a profissionalidade dos professores, seus aportes teórico-metodológicos, em suma, todos os aspectos orientadores e determinantes na produção da aula e, em decorrência, na

produção do conhecimento, pois, em acordo com Lima:

O professor como sujeito que não reproduz apenas o conhecimento pode fazer do seu próprio trabalho de sala de aula um espaço de práxis docente e de transformação humana. É na ação refletida e na redimensão de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade. (LIMA, 2002, p. 246)

Tornar-se sujeito da gestão do pedagógico requer dos professores reconstituírem sua condição de trabalhadores da educação, superando ranços irrefletidos e propondo alternativas, o que implica dissociar a idéia generalizada de que seu trabalho seja constituir metodologicamente a aula para seja uma “boa aula”. Este é apenas um aspecto da gestão do pedagógico. Tornando-se gestor do pedagógico, os professores reconstituem o espaço da prática profissional, assentada em uma ciência, a Pedagogia, articulando, portanto, pedagogicamente, seu trabalho. Assim se pode relacionar pedagógico a elemento da Pedagogia, quando esta ciência se torna manifesta no cotidiano profissional e no trabalho dos professores. Tal argumento consubstancia-se com o que, já há algumas décadas, dizia Vieira Pinto:

Qualquer que seja o campo de atividade a que o trabalhador científico se aplique, a reflexão sobre o trabalho que executa, os fundamentos existenciais, suportes sociais e as finalidades culturais que o explicam, o exame dos problemas epistemológicos que a penetração no desconhecido do mundo objetivo suscita, a determinação da origem, poder e limites da capacidade perscrutadora da consciência, e tantas outras questões do gênero, que se referem ao professo de pesquisa científica e da lógica da ciência, não podem ficar à parte do campo de interesse intelectual do pesquisador, que precisa conhecer a natureza do seu trabalho, porque este é constitutivo da sua própria realidade individual. (VIEIRA PINTO, 1969, p. 3)

A prática pedagógica, entendida como essência do trabalho profissional dos professores, é assim revitalizada. Torna-se prática científica e, por isso, metódica, sistemática, hermeneuticamente elaborada e teoricamente sustentada. Uma prática pedagógica de caráter social, portanto, socialmente elaborada e organizada conforme intencionalidades, conhecimentos. Em suma: “A prática pedagógica é uma dimensão da prática social e pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições necessárias à sua realização” (VEIGA, 1994, p.16) E a autora ainda estabelece os limites e fazeres da prática pedagógica, afirmando ser constituída por três momentos “complementares e interligados: concepção, realização e avaliação ou, em outras palavras: preparação, desenvolvimento e avaliação (...)” (VEIGA, 1994, p.87) e, perpassando todos os esses momentos, está a inter-relação pedagógica, “isto é, o vínculo

que se estabelece entre o professor, o aluno e o saber” (VEIGA, 1994, p.87)

Para tal ação, é fundamental o modo como têm se organizado os cursos de licenciatura, privilegiando fundamentação ou prática, conforme suas crenças. Nessa organização, a Pedagogia é fundante, enquanto ciência, pois

[...] o trabalho pedagógico não se reduz ao trabalho escolar e docente, embora todo trabalho docente seja um trabalho pedagógico. Vai daí que a base comum de formação do educador deva ser expressa num corpo de conhecimentos ligados à Pedagogia e não à docência, uma vez que a natureza e os conteúdos da educação nos remetem primeiro a conhecimentos pedagógicos e só depois ao ensino, como modalidade peculiar de prática educativa. [...] A base da identidade profissional do educador é a ação pedagógica, não a ação docente. Com efeito, a Pedagogia corresponde aos objetivos e processos do educativo. (PIMENTA, 2006, p. 120)

Considerando essa perspectiva, em outra obra, Pimenta e Libâneo detêm-se na diferença entre trabalho pedagógico e trabalho docente:

O pedagógico e o docente são termos inter-relacionados mas conceitualmente distintos. Portanto, reduzir a ação pedagógica à docência é produzir um reducionismo conceitual, um estreitamento do conceito de Pedagogia. A não ser que os defensores da identificação pedagogia-docência entendam o termo Pedagogia como metodologia, isto é, como procedimentos de ensino, prática do ensino, que é o entendimento vulgarizado de Pedagogia. Mas pensar assim significa desconhecer os conceitos mais elementares da teoria educacional. A Pedagogia é mais ampla que a docência, educação abrange outras instâncias além da sala de aula, profissional da educação é uma expressão mais ampla que profissional da docência, sem pretender com isso diminuir a importância da docência. (LIBÂNEO & PIMENTA, 2002, p. 30)

Aos professores, em seus cursos de licenciatura, cabe conhecer a versão, assentada na Pedagogia, das ciências com as quais objetivam trabalhar. Segundo Pimenta, não se trata de re-inventar as categorias implicadas na formação pedagógica dos professores, mas “[...] reconceituá-las, submetê-las ao crivo de seus determinantes sociais, econômicos, políticos, mediante a abordagem crítica da realidade educativa em suas manifestações concretas” (2006, p. 122). Estarão, desta maneira, compondo seu projeto pedagógico individual, que inclui conhecimentos do mundo, conhecimentos aprofundados da sua ciência, modos de trabalhar com esta ciência e compreensão dos aspectos relacionais, da subjetividade e da dialogicidade próprias da convivência humana. Trata-se de conhecer a Pedagogia, de modo prático, como ciência prática, o que, para Mazzotti, implica:

(...) desenvolvimento das ciências pode, então, ser avaliado como uma permanente descentração do sujeito face ao objeto; ou seja, como um percurso pelo qual o sujeito deixa sua centralidade para reconhecer que suas explicitações são combinações das relações que mantém com o objeto. Dessa maneira, o objeto é compreendido como um “constructo”, um “protótipo”, um “modelo”, um “simulacro” do “real” e este, o “real”, jamais seria atingido em sua integridade. A teoria seria, então, a exposição do objeto e das relações que o sujeito do conhecimento estabelece com o objeto. (...) Nesse sentido seria possível compreender a Pedagogia como uma ciência do fazer educativo, mas, como tal, não se confundiria com o próprio fazer que permanece como atividade do educador. (1994, p. 06)

E Pimenta, também considerando a concepção de Pedagogia como ciência prática, complementa:

A Pedagogia enquanto ciência, como qualquer ciência, tem a tarefa de auto-encontrar-se (significar-se), mas enquanto ciência prática tem o seu significado na prática. Na prática – já que tem o papel de orientar a práxis. Esta, por sua vez, enquanto atividade entre os homens, consolida-se pela ação teórica intencional dos homens, uma vez que não se consolida nem a partir da natureza, nem pela inspiração. Mas ação teórica enquanto ciência prática (da e para a prática) só consegue ser teoria da e para a práxis se se submete ao primado da prática. (PIMENTA, 2006, p. 55).

A prática a que se referem os autores não é tão-somente a ação prática, a aula em si, os fazeres, mas educação, entendida como prática pedagógica. Por isto, Pimenta reitera em diferentes momentos de sua obra a necessidade de se destacar a relação entre a Pedagogia e a prática pedagógica, uma prática eminentemente social:

O objetivo/problema da Ciência da Educação (Pedagogia) é a educação enquanto prática social. Daí seu caráter específico que a diferencia das demais, que é o de uma ciência prática – parte da prática e a ela se dirige. A problemática educativa e sua superação constituem o ponto central de referência para a investigação. (PIMENTA, 2006, p. 57).

Nesse sentido, também a educação, que entendo como interação, precisa ser vista ampliada. Pimenta propõe uma ampliação do conceito de educação, relacionando-o à concepção de Pedagogia, como ciência da educação:

A educação, objeto de investigação da Ciência da Educação (Pedagogia), é um objeto inconcluso, histórico, que constitui o sujeito que o investiga e é por ele

constituído. Por isso, não será captado na sua integralidade, mas o será na sua dialeticidade: no seu movimento, nas suas diferentes manifestações enquanto prática social, nas suas contradições, nos seus diferentes significados, nas suas diferentes direções, usos e finalidades. Será captado por diferentes mediações que revelam diferentes representações construídas sobre si. (PIMENTA, 2006, p. 58).

Por isso, a definição da Pedagogia que aqui proponho assume precisamente esse caráter. Trata-se do conhecimento da realidade educativa mediante a participação na criação das formas mais adequadas às necessidades da civilização em desenvolvimento e às tarefas que a humanidade deve solucionar nestas condições. Ao considerar a Pedagogia como uma ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa, tem-se a possibilidade de uma nova determinação dos objetivos da educação e das suas categorias fundamentais. (SUCHODOLSKI, 1977, p. 19)

Então... um possível entendimento de pedagógico

Observa-se, de modo geral, não haver a abordagem do pedagógico senão de modo relacional ou mesmo como complementar: projeto pedagógico, estrutura pedagógica, coordenação pedagógica, problemas pedagógicos e, ainda, a expressão sobre a qual pretendo iniciar uma abordagem: discurso pedagógico.

O que se entende por discurso pedagógico? Segundo Delgado, é o discurso que aborda temas educativos na escola, na aula, nos lugares onde acontecem os feitos pedagógicos (2000, p. 98). Compor este discurso implica lidar com saberes e poderes, lugares e tempos, conhecimentos e práticas, enfim, um conjunto múltiplo de fatores, além de se considerar que, desde sua elaboração, o discurso pedagógico necessita um discurso sobre si, para o qual confluem muitas vozes, que o legitimam e instituem, perpetuando relações de poderes internas e externas (DELGADO, 2000, p. 99).

Porém, ainda se questiona: e o que é pedagógico? Ou o que não é pedagógico? Para Veiga, pedagógico é entendido “No sentido de se definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade”. (1995, p. 27)

É nesse contexto pedagógico, uma vez esclarecido, que se insere o trabalho dos professores: a gestão do pedagógico, que acontece em todos os níveis da escola, mas, cabe, em primeira instância, aos professores realizá-la, pois o objetivo central da gestão do pedagógico é a produção do conhecimento e esta acontece na aula.

Então, pensar a gestão do pedagógico tendo os professores como sujeitos significa mudança de compreensão da organização escolar. Conseqüentemente, haverá mudanças entre os lugares que os sujeitos ocupam no universo escolar; eliminando centralidades hierárquicas, concentração de decisões e fazendo a linguagem circular. É desse modo,

também, que pode haver a superação dos modelos empresariais aplicados à gestão da escola.

Tenho trabalhado com uma concepção de produção, quando me refiro à produção do conhecimento, entendendo-a como “criação e se aplica à arte, à ciência, às instituições, ao próprio Estado, assim como às atividades geralmente designadas como ‘práticas’, [...] de tudo que faz uma sociedade e uma civilização” (LEFEBVRE, 1999, p. 45). É, por isso, que me refiro a professores, entendendo-os como profissionais, diferentemente de educadores, pois estes, na minha concepção são todos os seres humanos em suas relações sociais. Todos educam e são educados, entretanto, na escola, trabalham profissionais, que se constituíram assim, por processos educativos específicos e pela interação e participação em uma comunidade profissional. Nessa perspectiva, os professores são profissionais, ou como dizem Libâneo e Pimenta:

(...) o professor é um profissional do humano que: ajuda o desenvolvimento pessoal/intersubjetivo do aluno; um facilitador do acesso do aluno ao conhecimento (informador informado); um ser de cultura que domina de forma profunda sua área de especialidade (científica e pedagógico/educacional) e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, portanto, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade de profissionais, portanto científica (que produz conhecimento sobre sua área) e social. (LIBÂNEO & PIMENTA, 2002, p. 44)

Isto posto, acredito na possibilidade de os professores reconstituírem seu lugar social como profissionais, inseridos em sua comunidade política e socialmente organizada, imersos em movimentos mais ampliados, nos quais evidenciam-se políticas públicas, as quais reverberam nas ações pedagógicas. Por isto, refletir sobre os aspectos pedagógicos na escola, para mim, implica tais inter-relações e tem como possibilidade de revitalizar socialmente o trabalho dos professores, trabalho que é a produção da aula, este evento pedagógico, por excelência.

Notas

¹ Em referência à obra de Paulo Freire.

Referências

- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- DELGADO, M. “Descentralización Educativa: entre una vieja utopía y la cautela.” In: <http://www.urbared.ungs.edu.ar/textos/Descentralizaci%F3n%20Educativa.pdf> (capturado em 27 de

agosto de 2007)

- FRANCO, M. A. S. "Para um currículo de formação de pedagogos: indicativos". IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GADAMER, H. G. **Verdad Y Método**. Madrid: Salamandra, 1988.
- GHIRALDELLI, P. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense. 1996.
- LEFEBVRE, H. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LIBÂNEO, J. "Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia" IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. "Formação dos profissionais de educação: visão crítica e perspectivas de mudança". IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIMA, M. S. L. "Práticas de estágio supervisionado em formação continuada" In: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C. S.; FELDMAN, D. et alii. **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MARQUES, M. **Educação/interlocução, aprendizagem/reconstrução de saberes**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1996.
- MARQUES, M.O. "Projeto pedagógico: a marca da escola". In: **Contexto & Educação**, v.1, n.1, abr/jun 1990.p. 16-28.
- MASSSCHELEIN, J. "O aluno e a infância: a propósito do pedagógico". In: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 281-288, abril 2003.
- MATTOS, L. A de. **Sumário de Didática Geral**. RJ: Gráfica Editora Aurora, 1966.
- MAZZOTTI, T. B. "A Pedagogia como ciência da prática educativa" IN: VII ENDIPE, Goiânia, 1994.
- PIMENTA, S. G. "Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática" IN: PIMENTA, S. G. (Coord.) **Pedagogia, ciência da educação?** 5 a ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SUCHODOLSKI, B. **La educación humana del hombre**. Barcelona: Laia, 1977.
- VEIGA, I. A. **A Prática Pedagógica do Professor de Didática**. SP: Papirus Editora, 1994.
- VEIGA, I. A. **Projeto político-pedagógico da escola**. 23a ed. Campinas: Papirus, 1995.
- VIEIRA PINTO, A. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

Endereço para correspondência

Liliana Soares Ferreira, Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

E-mail - anaililferreira@yahoo.com.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.
